

**IRMÃ MARIA PENHA DA CRUZ**  
**1915-1963**

**RELIGIOSA DE MARIA IMACULADA –R.M.I**

**PORTO ALEGRE**

**2009**



***“Fica comigo, Senhor.  
Tu sabes de todas as coisas.  
Tu sabes que eu te amo.”***

Irmã Maria Penha da Cruz, R.M.I

## Prefácio

*Recapitulando tudo o que ouvi, vivi e senti nas viagens em busca do passado de Irmã Penha, percebo que deixou muito amor, simplicidade, alegria, humildade e caridade entre as Irmãs e pessoas que tiveram seus caminhos aos dela cruzados na Congregação que ela tanto amou. Jesus Cristo crucificado, a Virgem Maria e Vicenta Maria López y Vicuña foram os modelos aos quais ela mais se espelhou para seguir e dar bons exemplos na Vida Religiosa.*

*São muitas as Irmãs que trilharam este mesmo caminho, que estão ao nosso lado e não percebemos que oferecem, nos momentos singelos da vida, sacrifícios e se esforçam para dar o melhor de si. Irmã Maria Penha tratava a todos com humanidade; prestava atenção ao seu redor; era a primeira a servir. Seu exemplo não pode ficar esquecido no tempo.*

*Embora com dificuldades em recolher informações precisas para contar essa bela história de vida e santidade, e não acreditando realmente ser a pessoa mais indicada, encontrei nos fragmentos da vida de Irmã Penha um sentido maior para a minha própria existência e missão no tempo presente.*

*Divulgar o conhecimento testemunhal sobre Irmã Penha, como me foi solicitado pela Superiora Provincial, Irmã Daría Fernandez<sup>1</sup>, não envolveu apenas um trabalho de pesquisa, mas a oportunidade de descobrir a beleza e grandeza do amor de Deus vivido intensamente por sua serva Maria Penha da Cruz, um exemplo a seguir no caminho da santidade em busca de um futuro que tenha no amor ao Reino de Deus um horizonte.*

Maria de Lourdes Fortes Carneiro<sup>2</sup>  
Porto Alegre, novembro de 2009.

## 15 de setembro de 1963

“Domingo, faleceu em Brasília, às 15 horas em ponto, Madre Maria Penha da Cruz Kraemer Haesbaert, natural do Rio Grande do Sul, e que viveu nesta casa durante muitos anos, pois chegara aqui, pela segunda vez, em 1953, permanecendo até a fundação de Brasília, para onde se transferiu.

Sua enfermidade e morte foram rápidas, causando surpresa a todos. Desde os últimos dias do mês de agosto, estava tomando umas injeções para a gripe, sem apresentar nenhuma gravidade, pois continuava trabalhando e saindo como sempre. No dia 29 apresentou-se com um pouco de febre, agravando-se o mal até seu desenlace. Os médicos diagnosticaram tifo e meningite.

Foi internada no hospital, onde faleceu. A Rev. Madre foi para Brasília, chegando na véspera de sua morte, no sábado, às 9 e pouco da manhã. É impossível descrever aqui, por falta de espaço e porque ocuparia quase o livro inteiro, todas as impressões de pesar, de carinho e de amizade manifestadas por todos, tanto em Brasília como em Belo Horizonte. A Rev. Madre Superiora de Brasília conta, com todos os detalhes, em sua carta datada de 22/09/63.

Aqui em Belo Horizonte sua morte foi muito chorada pelas colegas, especialmente; pelas religiosas e pelas pessoas amigas.”

**26 de novembro de 1915**

Um dia, Maria Penha da Cruz pediu a Nossa Senhora que as pessoas com quem ela tratasse sentissem, ao se afastarem dela, a graça de uma grande fé e um grande amor a Deus e à Maria Santíssima<sup>3</sup>.

Maria Penha da Cruz, R.M.I, era o nome religioso. Maria Kraemer Haesbaert, o nome civil. Maricota, como era chamada na infância, nasceu no dia 26 de novembro de 1915, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Sua descendência familiar possuía raízes alemã, holandesa, francesa e portuguesa.

Seu pai, Carlos Schreiner Haesbaert, era de religião protestante. Sua mãe era católica. Músico que era, o pai acompanhava a esposa no templo católico e tocava violino. A mãe, Honorina Kraemer Haesbaert, acompanhava o esposo no templo protestante e tocava ao órgão. O casal comungava de um ecumenismo que fazia do lar um espaço harmonioso e espiritualizado, aberto à graça de Deus.

Viúva muito jovem, mas já com sete filhos, Honorina criou a todos sob a malévola influência de doenças que assolaram as décadas de 10 e 20 no Brasil. De saúde frágil, a jovem Maricota sofreu as consequências dessa época ao longo de vários anos de sua vida, esperando por uma cura para a enfermidade nos pulmões, o que aconteceu quando tinha 18 anos.



ARCEBISPADO DE PORTO ALEGRE

CÔNEGO SILVINO NEIS, Arquivista do

Arcebispo de Porto Alegre.

**Certifico** que no livro 02 (dois) de assentamentos de

Batismos da Igreja de Nossa Senhora da Glória de Porto Alegre à fl. 40 (quarenta) acha-se o seguinte:

"M A R I A. Aos cinco de dezembro de mil novecentos e vinte e seis, na Matriz, foi batizada MARIA nascida a vinte e seis de novembro de mil novecentos e quinze, filha civil de Carlos Haesbaert e Honorina Haesbaert; foram padrinhos: Gastão Haesbaert e Berta Noronha. O celebrante, padre José De Nadal."

E nada mais consta.

Porto Alegre, 12 de março de 19 82



Taxa Cr\$ 300,00

*Cônego Silvino Neis*  
Arquivista do Arcebispo

**Batistério de Irmã Maria Penha**

## Família Kraemer Haesbaert

Os bisavós de Irmã Maria Penha da Cruz eram colonizadores estrangeiros. Eram os Miranda (portugueses), os Bittencurt (franceses), os Kraemer (alemães) e os Haesbaert (holandeses). Seu pai, Carlos Schreiner Haesbaert, era um pequeno comerciante gaúcho, filho de colonos luteranos. Vítima da gripe espanhola, Carlos faleceu aos 39 anos de idade em 1918.

Ao falecer, Carlos deixou sete filhos; o mais velho com dez anos e Honorina, a viúva, grávida. Maricota estava com três anos de idade. Sua mãe, ao viuar, não teve apoio financeiro do seu sogro, Cristiano, pelo fato de ser católica e a família do marido luterana. O pai de Honorina também não tinha condições de ajudar.

Dentre os filhos do casal Haesbaert, o pequeno Carlos precisou ser enviado a um orfanato e o caçula, Nelson, foi entregue a uma prima solteira para dele cuidar. Honorina, nascida em 14 de junho de 1883, veio a falecer em Porto Alegre em outubro de 1956.

Por ordem de nascimento, são estes os sete filhos do casal Carlos e Honorina:

1. Gastão Kraemer Haesbaert – 15.04.1908
2. Miguel Kraemer Haesbaert – 17.06.1909
3. Léo Cristiano Kraemer Haesbaert – 11.01.1911
4. Selma Kraemer Haesbaert – 30.06
5. Maria Kraemer Haesbaert – 26.11.1915
6. Carlos Kraemer Haesbaert – 27.12.1917
7. Nelson Kraemer Haesbaert – 1918

Sobre a origem da Família Haesbaert<sup>4</sup> (que tem por pronúncia “haasbaert”), seu berço é a Holanda, região de Flandres. O tronco da família, Pieter Haesbaert, era descendente de família fidalga do Oeste de Flandres. Seus descendentes se dedicaram ao comércio de tecidos, no que

conquistaram prestígio e riqueza. Nos distúrbios ocorridos na época da Reforma ficaram os Haesbaert ao lado do movimento pró-rebatismo.

A descendência da Família, no Rio Grande do Sul, tem no pastor Johann Peter Haesbaert sua referência. Ele nasceu em Kleve, EUA, em seis de setembro de 1803, vindo a falecer em Hamburgerberg em seis de outubro de 1890. Hamburgerberg hoje faz parte da cidade de Novo Hamburgo - RS.

Johann Peter casou-se pela primeira vez em 1835 com a alemã Julia de Grange, de quem se divorciou em 1843. O casal não teve filhos. Casou-se novamente em Baltimore, EUA, em 1843, com a suíça Marie Louise Martin. Sua esposa faleceu em quatro de março de 1879 em Hamburgerberg. Os restos mortais do casal descansam no cemitério de Hamburgo Velho – Novo Hamburgo - RS.

Pastor luterano, Johann Peter iniciou seu ministério nos Estados Unidos. Em 1845, transferiu-se para Hamburgo Velho a fim de organizar a comunidade Evangélica dos colonos de origem alemã. Durante 41 anos o pastor serviu à comunidade hamburguesa vinculada ao Sínodo do Missouri (IELB), numa época em que a religião luterana não era oficial, mas tolerada.

Johann Peter e Marie Louise tiveram 11 filhos, todos brasileiros e nascidos em Hamburgerberg. O sétimo filho do casal, Christian Nathanael, nasceu em 1856 e faleceu em 1936, viria a ser o avô de Maria Penha da Cruz. O primeiro casamento de Christian foi com Katharina Christina Schreiner. Carlos, filho do casal e pai de Maria Penha, nasceu em Estância Velha em 1879.

Viajante comercial da Secco & Cia, em outubro de 1907, Carlos abriu empresa própria e estabeleceu-se em São Sepé. Em 1912 voltou a residir em Porto Alegre, quando reingressou na Secco & Cia como chefe da seção de vendas, onde permaneceu até sua morte em 1918, vitimado pela Gripe Espanhola.





**Honorina Haesbaert, mãe de Irmã Maria Penha da Cruz**

## **“Por Ele e por Maria, tudo!”**

Maricota cresceu em meio às dificuldades em uma família de muitos filhos e poucas economias. Sua frágil saúde, em função de problemas pulmonares, atrapalhava sua vida escolar, mas não lhe tirava a alegria de viver. Moça de rosto bonito e delicado, vivia como uma jovem simples no bairro Medianeira, uma região humilde da cidade de Porto Alegre.

Nesse bairro, as religiosas de Maria Imaculada possuíam um pensionato para onde a mãe de Maria Penha com ela se transferiu. Foi vivendo próxima às Irmãs que Maricota teve o primeiro contato com o jeito de ser e viver das religiosas.

Na época, curada de sua enfermidade, pode frequentar regularmente à escola, destacando-se nos estudos e convicta de que seria professora. Jovem, fazia parte do Centro da Juventude Católica da Paróquia Nossa Senhora da Glória.

Maricota possuía todas as qualidades e determinação para seguir no rumo do magistério e mesmo da vocação matrimonial. Contudo, a graça de Deus agiu fazendo com que a jovem tivesse uma experiência que mudaria sua vida para sempre: um Retiro Inaciano. Foi a partir daquele acontecimento que ela se sentiu chamada à vida religiosa.

A experiência do retiro com os Jesuítas, em 1938, foi o ápice de uma trajetória de vida em que a devoção à Nossa Senhora, bem como a admiração pelo trabalho e jeito de ser das Religiosas de Maria Imaculada, já se faziam fortemente presentes.

*“À Nossa Senhora, tenho certeza, devo esta graça em primeiro lugar. Amo-a tanto![...] Esta devoção proporcionava-me esperança e alegria!”<sup>5</sup>*

*“Maria Santíssima, se de toda a minha vida tivessem feito fotografias, seriam centenas nas quais apareceria a tua imagem, pois era*

*impossível separar-te dos grandes ou pequenos acontecimento da minha vida”.*<sup>6</sup>

Decidida a doar a vida como religiosa consagrada, Maria Kraemer Haesbaert ingressou no noviciado das Religiosas de Maria Imaculada, no Rio de Janeiro, em 8 de dezembro de 1938, tornando-se Irmã Maria Penha da Cruz.

Sobre aquele período, uma coirmã assim relata a forma como a jovem encarava a nova realidade<sup>7</sup>:

*“O edifício não estava adaptado para o Noviciado, não tinha comodidade; o calor era asfixiante, pouco arejado; faltava água, etc; mas o bom caráter, o estar sempre satisfeita com tudo, e nunca queixar-se, eram motivos a irradiar felicidade à sua volta. Foi maravilhoso escutar as suas palavras: ‘Fiz-me religiosa porque amo a Jesus e estou disposta a tudo o que queira de mim; por Ele e por Maria, tudo!’”*



**Igreja Nossa Senhora da Glória, local do batizado de Irmã Penha**

## O retiro de 1938

*“Nunca havia pensado antes em ser religiosa e saí desse retiro com a semente plantada sem eu o saber”<sup>8</sup>*

Em suas anotações em diários, que perduraram 25 anos, escreveu a jovem Maria durante o retiro inaciano: *“Quero os fins, mas não quero os meios. Tenho nestes dias pedido a Deus que me torne ativa: eu quero ir contra a minha preguiça e timidez.”<sup>9</sup>*

Pouco tempo depois da experiência do retiro, escreveu algo que bem ilumina a força da graça de Deus e o chamado vocacional que sentiu naquele ano de 1938:

*“Sinto meu coração completamente abrasado de amor por Jesus. Desde que vim do retiro, venho notando que este amor cresce dia a dia. O que eu sinto em meu coração é uma coisa que eu chamo de saudade do convento. Mamãe diz que não se pode ter saudade de uma coisa que nunca se teve ou não se conheceu, mas eu teimo em dizer que é saudade, porque eu já tive em outras épocas saudades e vejo que é a mesma dor que sinto agora. Que fazer, meu Jesus querido, se ouço teu chamado e quero obedecer-te?”<sup>10</sup>*

## Diário de uma vida na fé

Graças ao seu hábito de tudo registrar em diário, pode-se conhecer melhor seu jeito de pensar, suas angústias, fraquezas, força de vontade e inabalável confiança e amor a Deus.

Diversas vezes aparecem em seus escritos relatos sobre as dificuldades com o voto de obediência. Num primeiro momento poderia parecer que Irmã Maria Penha possuía uma atitude hostil e pouco humilde, contudo, é exatamente o contrário. A dificuldade manifestada fortaleceu a qualidade oposta, ou seja, através da oração e conversão do coração, Maria Penha transformou a fragilidade em fortaleza.

*“Não pode ser bom religioso aquele que não é obediente. Penso que não sou bem obediente, já que muitas vezes dou tantas voltas que acabo fazendo com que a superiora faça como eu quero, como gosto [...] De hoje em diante hei de negar meu gosto, minha vontade. É difícil, mas com a graça de Deus e boa vontade tudo será possível.”<sup>11</sup>*

Tinha humildade para reconhecer as faltas e fazia autocrítica permanentemente no intuito de crescer como religiosa na fé.

*“Muitas vezes dizemos que as meninas passam o dia terríveis, teimosas e malcriadas, mas, se bem examinarmos, fomos nós que passamos o dia sem paciência e sem jeito[...] Eu penso que nós, religiosas, deveríamos instruir-nos um pouco mais em psicologia, pois muita falta nos faz nos tratos com essas pobres meninas empregadas domésticas, às vezes tão rudes”.<sup>12</sup>*

Sua fé não era expressa em palavras, mas, sobretudo, em ações, no testemunho cotidiano. Maria Penha respondeu à graça e vocação

recebidas no seu dia a dia, procurando em tudo fazer a vontade de Deus, como bem expressou após um retiro:

*“Terminaram os santos exercícios, mas, se terminaram as práticas, as meditações, os avisos e os exemplos, vão começar agora os verdadeiros exercícios quando, amanhã, cada uma em seu posto, começar a exercitar o que escutou, aprendeu e leu nestes benditos oito dias [...]Preciso ser cega para não ver os defeitos de minhas irmãs, e enxergar bem para ver as suas virtudes”.*<sup>13</sup>

A Eucaristia era o centro de sua vida; Jesus sacramentado foi sua fonte de força e espiritualidade para superar as limitações impostas pela saúde frágil e barreiras naturais à vida religiosa.

*“Tenho especial devoção a Jesus Sacramentado. Sempre nas alegrias e nas dores. Nas maiores dificuldades e aflições é ali que busco consolação com uma fé tal que chego a pedir sempre a Deus que nunca me falte com ela, porque então não sei o que seria de mim. O Sacrário para mim é tudo.*

*Sobre a Sagrada Eucaristia, tendo toda a minha fé no tabernáculo, só posso ter desejos imensos de receber a Sagrada Comunhão. Recebo-a todos os dias, salvo naqueles em que, por um pouco de escrúpulo, deixo de fazê-lo por não ter podido confessar-me.*

*O fruto da comunhão é o de dar-nos cada dia novas forças para novas lutas. E tenho a certeza de que hei de vencer assim, recebendo-O seguidamente; as minhas negligências, os meus esquecimentos e as tentações do demônio, espero vencer.”*<sup>14</sup>

## Para sempre fiel ao primeiro amor

Disposta a amar, não hesitava em pedir a Deus, em oração, força para perseverar na vocação, pois para sempre foi fiel ao primeiro amor.

*“Meu Jesus, eu te amo! Agradeço-te e quero, com tua graça, amar-te cada vez mais e dar-te muita alegria com estas pequeninas coisas. Lembra-me sempre disto, Jesus, pois tu sabes o quanto eu sou esquecida [...] Quero ser santa porque amo a Jesus Cristo. E, se o amo, quero sempre a cada dia segui-lo de muito perto [...] Não me fiz religiosa para ser santa, nem para salvar almas. Fiz-me religiosa porque amo a Jesus.”<sup>15</sup>*

*“Muito obrigada Jesus por tudo. Sou imensamente feliz com qualquer coisa que me mandares, pois a tua graça me acompanha, nada que vem das tuas mãos benditas é ruim. Espero tudo de ti; sem ti, sei que nada sou [...] Fica comigo, Senhor. Tu sabes de todas as coisas. Tu sabes que eu te amo”.*<sup>16</sup>

Irmã Maria Penha buscava a perfeição na fé; queria seguir fielmente os passos de Jesus e Maria.

*“Que eu pense, Jesus, nas horas de desânimo e de covardia, que eu pense que tu podes tudo. Estando ao teu lado, sei firmemente que tudo poderei. Pois que eu me chegue bem pertinho de ti. Nada posso sozinha e sinto, em certos momentos, minha grande incapacidade e fraqueza. Pois eu te peço, Jesus, que nestes momentos eu sempre me lembre que estás me olhando e esperando que eu te chame para vires ajudar-me.*

*Eu sei, eu creio firmemente que é assim, mas às vezes, ainda que por breves momentos, sinto-me medrosa. Nossa Senhora querida, socorre-me sempre nestes momentos difíceis de meu cargo. Que eu não desanime, que eu confie que sempre hás de interceder por mim junto a Jesus. Aumenta a minha fé, meu amor e minha confiança em ti, meu Jesus querido.”<sup>17</sup>*





## 22 de agosto de 1963

No dia 22 de agosto de 1963, em seu último registro escrito, 23 dias antes de vir a falecer, Irmã Maria Penha manifestou sua confiança e simplicidade apostólica, assim como Paulo ao dizer que combateu o bom combate.

*“Meu paizinho, tu sabes que hoje eu não fiz nada dos meus atos espirituais. Passei a manhã sem rezar nada. Mas tu sabes o porquê: serviço demais. Fiz tudo o que me foi possível, e tu sabes com que sacrifício [...] muito agradeço por me teres ajudado. Assim que, agora, senti uma vontade louca de conversar contigo, meu pai. Penso que não ficarás brabo comigo por não ter rezado tudo, pois estava fazendo tua vontade, não?”<sup>18</sup>*

## Brasília, alvorada do futuro

Irmã Maria Penha tinha o futuro em suas mãos santas, na sua fiel missão como Religiosa de Maria Imaculada ao fundar a casa na nova Capital Federal em 1961. Sua atuação foi marcante, recorrendo às instâncias necessárias para garantir a construção e manutenção da nova obra para a glória de Deus e honra à Santa Vicenta.

Na Capital, viveu seus últimos anos. Dois meses antes de falecer, fez um retiro. Suas anotações na revisão de vida durante o retiro apontam sua humildade. Fala em preguiça na meditação, descuido na oração, falta de silêncio e se questiona. Contudo, é sua fé ardorosa que a mantém confiante.

*“Que virtude mais me atrai? – A caridade, a bondade, a pobreza, embora falte, muitas vezes, principalmente na última.”<sup>19</sup>*



**Construção da nova casa em Brasília**



**Fundadoras da nova obra (Irmã Penha em pé, à direita)**

## O último gesto

*“Em tuas mãos, meu Jesus, me entrego. Dá-me teu amor e tua graça e isto me basta; mas não me abandones, Jesus, que sou pequenina demais”<sup>20</sup>*

Em 15 de setembro de 1963, às 15h, vitimada por uma meningite, Irmã Maria Penha da Cruz veio a falecer. Era o dia da festa de Nossa Senhora das Dores; 15h, horário da morte de Jesus. Irmã Penha partiu para a casa do Pai tendo feito tudo o que Ele lhe permitiu.

Passados 46 anos de sua morte, seu testemunho de vida e fé resiste ao tempo, assim como relatos acerca de sua santidade.

Conta-se que, quando estava doente no hospital, o Cardeal Arcebispo de Brasília, Dom José Newton, a visitou. Irmã Penha beijou seu crucifixo, que depois de sua morte foi doado à família. Seus parentes relatam intercessões de graças a ela atribuídas por meio de sua relíquia.



**Túmulo de Irmã Penha em Brasília**

## Repercussões do falecimento

Nas casas da Congregação por onde Irmã Maria Penha da Cruz viveu, a notícia de seu falecimento foi motivo de tristeza e, ao mesmo tempo, terna alegria pela lembrança de sua presença cativante.

*“Nunca a pude surpreender na menor falta à caridade. Descobria mil maneiras de aliviar a todas quando, de longe, vislumbraava alguma preocupação, tristeza ou aborrecimento. Como era de constituição delicada, sabia muito bem avaliar as necessidades de suas coirmãs”.*<sup>21</sup>

*“Por todas as suas virtudes, que se conheciam e transpareciam nela, era muito querida nesta casa. Não só pelo útil e necessária que era, senão pela caridade e bom ambiente que fazia.”*<sup>22</sup>

Quando de sua morte, as empregadas domésticas da casa de Belo Horizonte, nada mais podendo fazer exceto orar, reuniram a quantia necessária para mandar rezar diversas missas. As meninas recorriam à Irmã Penha sempre que precisavam; era como uma mãe. Madre Penha estava sempre disposta a ajudar, a ser útil, presença amiga e instrutora dos deveres cristãos.

Era com Madre Penha que as empregadas domésticas iam conversar sobre seus problemas. Com todas, era sempre generosa. Era zelosa especialmente com as meninas negras. Nunca esqueceu o que prometeu em sua profissão: dar a vida pela última de todas as empregadas domésticas, se preciso fosse. *“Não havia pessoa que conhecendo-a, não a amasse”*<sup>23</sup>.



*“Em nossa casa de Penápolis, São Paulo, Madre Maria Aparecida do Sagrado Coração, prefeita das internas, socorreu-se da intercessão da falecida Maria Penha Cruz, dizendo: ‘ Madre Penha, se estás no céu, dá-me por sinal que eu receba rosas antes de romper o silêncio maior. Isso foi na hora do café. Aí, chamaram duas vezes na portaria da casa, mas eram para a professora e umas meninas. Quando Madre Maria Aparecida estava levando a xícara de café aos lábios, tocou pela terceira vez a campainha e era com ela que queriam falar. Uma menina trazia um ramo de rosas, dizendo: ‘ Madre, mamãe mandou este ramo de rosas’. E a Madre indagou: ‘Menina, são para mim ou serão acaso para a nossa capela?’. ‘São para a senhora, respondeu a menina’. E era o terceiro dia da morte de Maria Penha Cruz.”<sup>24</sup>*

## Uma religiosa como as outras

É sobretudo graças ao esforço e perseverança criativa do diácono Carlos Kraemer Haesbaert, irmão de Maria Penha, que é possível encontrar trechos de seus diários e passagens históricas sobre sua vida. Ao longo de uma década, ele preparou o livro *Maria Penha da Cruz, uma religiosa como as outras*.

A referida obra contém boa parte dos registros históricos e escritos da religiosa que dão embasamento ao presente relatório de pesquisa. Sobre a intenção de Maria Penha com seus diários, argumenta o diácono:

*“ À crédito de Maria da Penha da Cruz não se poderá deixar de levar, contudo, o fato inegável de em tudo se revelar realmente modesta, sincera, leal, ausente o mínimo sinal de autopromoção em vida ou para o após morte. Quando narra, decerto o faz sob forte compulsão interior, sem ocultos ou calculados intentos; segue, tão só, a veementes inspirações. Escreve o que vive, e nisso está o valor do que nos deixou: são testemunhos da ação do encantamento da ideia de Deus, da graça divina num coração humano, numa alma humana, numa vida humana. Realização do sentido da existência do homem: conhecer, amar e servir a Deus para ser feliz realmente neste mundo e no outro; receber a revelação do amor, aceitar o amor até tornar-se amor.”<sup>25</sup>*

## Outros olhares

Não pode haver melhores testemunhos sobre a vida de santidade de Irmã Maria Penha da Cruz do que os relatos daquelas que conviveram com ela nas casas por onde passou.

*“Divino Espírito Santo desça sobre mim, iluminada posso descrever quem foi o anjo Azul que passou por Belo Horizonte. Não é preciso de muitas linhas para falar sobre Madre Penha. Foi sempre a mesma pessoa dedicada as meninas, desde a mais simples...sempre tinha o seu aconchego, nunca humilhou qualquer menina, mesmo as que fossem mais rebeldes.*

*Seu olhar meigo e doce servia para corrigir. Houve um caso de uma menina que foi molestada pelo próprio pai e não tinha para onde ir, mas as portas do colégio estavam abertas para ela. Foi acolhida com muito amor e carinho; Irmã Penha a fez ver que, apesar dos sofrimentos, a vida é bela. Hoje é uma Freira, deixando o mundo de maldades.*

*Aconteceu um caso comigo uma vez. Fui dar-lhe um abraço e me assustei, pois em volta da sua cintura parecia haver uma barra de ferro. Não perguntei, mas assustada me disse: é para Jesus. Aos meus 80 anos ainda guardo esta lembrança. Tive um alívio grande ao escrever esta linda historia.”<sup>26</sup>*

Lourdes Coelho



*“Conheci e convivi por várias etapas com Irmã Maria Penha da Cruz. Vivi com ela na mesma comunidade como postulante, noviça e professa. De 1938 a 1950 em Rio de Janeiro. De 1950 a 1956 em Santos.*

*Sempre pude observar a grandiosa beleza de sua alma cândida enamorada de Jesus Crucificado. Firmes virtudes embelezavam todo o seu ser em serviço e amor ao próximo. De caráter alegre e comunicativo, caridosa, atenciosa, serviçal em qualquer momento. Completamente absorvida nas coisas de Deus e do próximo. A Pessoa de Jesus e a Virgem Santíssima faziam parte profunda de sua vida. Tinha especial atenção de humilde para com os superiores, comunidade e com todos que a procuravam.*

*Suas atitudes e proceder encantavam a quantos estivessem ao seu lado. Sempre disponível para atender quem dela necessitasse. Adivinhava as necessidades de cada momento e circunstância. Sua alma vivia em constante união com Deus, pois se percebia cantarolar baixinho para o Senhor durante seus trabalhos que executava com amor, pois dizia ‘ tudo por vos, coração sacratíssimo de Jesus, tudo por vós.’*

*Sua mortificação foi constante e atuante. Sou testemunha. Recolhia após as refeições da comunidade todos os pedacinhos de pão que ficava pela mesa, e seria sua próxima refeição. Isso observei anos em seu proceder. Ninguém sabia dessa atitude, porém eu sempre observei. Superava com alegria e bom humor qualquer situação negativa do decorrer do dia, pegava seu acordeom e começava a tocar e cantar, com isso transformava em alegria qualquer situação menos compreensiva.*

*Tudo desculpava e sabia perdoar com gratidão. Nos meses de maio e junho, sua alegria era completa por oferecer louvores a Jesus e a Virgem Maria. Suas mãos rápidas no teclado de harmônio ensaiavam a comunidade com cantos de louvores a Jesus e a Virgem.*

*Sua voz sempre rouca entoava belíssimas preguias e melodias, animando as religiosas e as meninas a ter grande amor ao Autor da vida e Sua Mãe Imaculada. Muitas vezes a encontrei na capela com o crucifixo nas mãos, absorta. Isso quase sempre. A contemplação ao crucificado a extasiava completamente. Seu caráter alegre e expansivo e até altivo, muito contribuiu para alegrar todos que a rodeavam. Nunca observei nela a menor falta de caridade. Essa virtude foi eximia no seu proceder diário. Procurou e observou o testamento do Senhor na última ceia.*

*A caridade fraterna foi virtude marcante em sua vida. Sou testemunha! Dia 20 de junho de 1941 ela fez os primeiros votos simples; nesta data fez a 1ª comunhão seu sobrinho, esmeradamente preparado por mim para receber o sacramento. Motivo de minha afinidade com Irmã Maria Penha Cruz. Minha apreciação por ela não é ilusória, mas real.*

*Digo e escrevo em Nome de Jesus que me há de julgar. Sua entrega a Deus na vida religiosa se concretizou no seguimento absoluto de Cristo. Ela fundou em Santos o departamento das colegiais domésticas. Para isso teve uma atividade extra em buscar e fazer propagandas para coleccionar domésticas, que então havia muitas em Santos, vindas do litoral em busca de trabalho. Após fundado esse departamento das domésticas em nossa casa, dedicou-se incansavelmente pela formação e orientação das domésticas, dando classes a elas dos conhecimentos que careciam por ignorar as verdades concernentes aos trabalhos como domésticas.*

*Foi entranhável sua atividade e amor por essa classe humilde e muito pobre. E quando se deparava com uma mocinha negra, parece que seu coração vibrava, pois via a pessoa de Cristo nascer nesse ser pobre e humilde.*

*Muitas vezes com seu acordeom pequeno cantava uma trova em espanhol referente aos de cor negra: 'Pintor, que pintas com amor, por qué desprecias mi color; aunque la Virgen sea blanca, píntame angelitos negros...pues sabes que em El cielo también los quiere Dios!...e continuava cantando longamente outras estrofes*

*referentes a raça negra; para ela fazia todo seu encanto, por saber que eram sofridas pela cor.*

*Dedicava com esforço e amor as empregadas domésticas, por saber que eram herança de nossa Fundadora Vicenta Maria que deixou escrito: que vivam bem e se salvem! A congregação de Maria Imaculada era algo especial em sua vida devido ao carisma fundamental que ela considerava especial.*

*Tenho outras coisas na lembrança sobre Irmã Maria Penha da Cruz e de sua vida santa. Esta resenha é verdadeira no que escrevi.<sup>27</sup>*

Irmã Maria Aparecida Gonçalves



**Irmã Maria Aparecida Gonçalves**



*“Madre Penha era como a chamávamos. Vivemos com ela alguns anos, desde os 14 de idade. Tinha a maior preocupação pelas meninas jovens. Era séria, mas carinhosa, não admitia falta de respeito com ninguém; tinha a maior ternura pelas mais necessitadas, e as pretinhas, como as chamava com todo o carinho, não dava demonstração de querer mais a uma que outra.*

*Era sociável e a víamos muito feliz sempre; não demonstrava suas tristezas em momento algum. Aos domingos, iam ao colégio as meninas do Centro Social (empregadas em casas de família; ela as recebia como uma mãe, eram mais de 300, e todas frequentavam o colégio domingo à tarde. Depois da missa e orações, tinha recreio no pátio e o que a turma mais gostava era dançar. Quando não havia música com discos, ela tocava seu acordeom; era a maior festa para ela e para as meninas, contagiava com sua alegria.*

*Tinha um zelo tão grande pelas almas que se preocupava até com as mães das meninas. Para sobreviver, a maioria das meninas trabalhavam em casas de famílias. Andava sempre bem arrumada, mas com muito pobreza, era pontual em todos os atos de comunidade. Com os superiores tinha o maior respeito e delicadeza, e com as irmãs mais humildes um carinho especial. Era de saúde frágil, sabemos por outras irmãs. Jamais comentou algo de sua família.*

*Só fiquei conhecendo quando fui morar em Porto Alegre e sua família frequentava nossa casa na Medianeira. Com isso conheci seus irmãos e uma irmã, seus sobrinhos e demais. Todos eles tinham verdadeira admiração por ela. Nos contou seu irmão Carlos que, quando pequena, esteve muito doente e não pode frequentar o colégio, o Grupo Escolar Venezuela, e depois de um tempo já crescida voltou ao Grupo para estudar. A classe era de pequenos. Ela andava com eles sem nenhuma diferença, edificava os professores.*

*Depois que seu pai faleceu, ficou um tempo em nossa casa da Medianeira, também sua mãe e irmã, Selma. A superiora naquele tempo era Madre Elvira e, neste tempo, fez retiro e decidiu ir para o noviciado no Rio de Janeiro. Tomou véu de postulante em nossa casa e foi de navio para o Rio.*

*Depois de religiosa estive em várias casas. Mais tempo em Belo Horizonte, pois o clima era favorável à sua saúde. Foi aí que a conheci.*

*Espelhando nela descobri minha vocação. Quando fui para o noviciado estava em Santos e fui nos visitar em São Paulo. Do tempo dela em BH, entramos quatro no noviciado. Depois de religiosa fui para Porto Alegre e ela voltou para Belo Horizonte. Algumas vezes foi visitar a família e passava na casa da Medianeira, onde eu estava. Depois foi para Brasília, uma fundação lá, onde morreu em 15/09/1963.”<sup>28</sup>*

Irmã Maria da Luz



## A pesquisa

O itinerário da pesquisa sobre Irmã Maria Penha da Cruz, Religiosa de Maria Imaculada, teve início quando a Superiora Provincial, Irmã Daría Fernandez, no ano de 2008, solicitou à Maria de Lourdes Fortes Carneiro que prosseguisse com o levantamento de informações e divulgação testemunhal sobre a religiosa falecida em 1963.

Desde aquela data, foram milhares de quilômetros percorridos pelo Brasil em busca de fragmentos que pudessem ajudar a montar o quebra-cabeça reconstitutivo de uma história de vida repleta de fé, perseverança, amor ao próximo e exemplo de santa consagração religiosa.

O trabalho de pesquisa, que começou como levantamento de informações, foi se transformando em seu percurso. A riqueza dos relatos e o desvendar de uma trajetória de vida tão repleta de beleza fez com que a pesquisadora, Maria de Lourdes, não só juntasse os fragmentos históricos, como também se tornasse uma incansável divulgadora do testemunho de fé de Irmã Maria Penha da Cruz; testemunho esse que anima não só a Congregação das Religiosas de Maria Imaculada, como também a toda Igreja.

O diário de pesquisa de Maria de Lourdes Fortes Carneiro é um elemento tão importante na pesquisa quanto os registros históricos acerca de Maria Penha que nele estão arquivados. A história de um fato ou uma biografia ganha mais vida quando manifestadas as intenções, pensamentos e sentimentos daquele que a escreve. Por se tratar de uma divulgação testemunhal, não há que se esperar neutralidade da pesquisadora em seu espírito apaixonado pela causa que assumiu, o que de forma alguma diminui a clareza da narrativa e a credibilidade das informações.

Se o ponto de partida foi a reconstituição histórica e a construção do perfil religioso de Irmã Maria Penha, o presente momento vai na direção da divulgação, testemunho e revelações ainda a serem descobertas a partir da ampla circulação e conhecimento desta pesquisa.

## O percurso

O percurso a ser apresentado faz parte do diário de pesquisa de Maria de Lourdes Fortes Carneiro. São trechos que retratam e recuperam o caminho seguido na busca por informações, testemunhos e divulgação da vida exemplar de Irmã Maria Penha da Cruz, R.M.I.

A continuidade do trabalho de divulgação tem a autorização do Arcebispo Metropolitano de Porto Alegre, Dom Dadeus Grings, e do Bispo de Brasília, Dom João Braz de Aviz.

**02/10/2008** - Conversei com Waldemar Bösing, S.J, na Livraria Padre Reus, em Porto Alegre. Ele localizou os registros sobre o diácono Carlos Kraemer Haesbaert na Diocese de Osório. O diácono Carlos, irmão de Maria Penha, escreveu o livro que conta sua trajetória.

**03/10/2008** – Procurei por Volnei Haesbaert, dentista. Descobri já ser falecido. A viúva, cirurgiã-dentista Tânia, estava viajando. Sua secretária, Helena, ficou de me dar retorno quando possível.

Busquei outras informações na Secretaria da Catedral Metropolitana de Porto Alegre, mas não encontrei. Procurei na Central Administrativa do Trensurb pelo filho do Sr. Carlos, Jorge Alberto Haesbaert, nascido em 29 de março de 1949. Ele é engenheiro mecânico e se aposentou há três anos. Não há informações concretas sobre seu paradeiro. Talvez esteja em Esteio.

Consegui a genealogia da Família Haesbaert, inclusive dados biográficos do Pastor Johann Peter Cristiano Haesbaert, bisavô de Madre Penha.

**02/11/2008** – Recebi de São Paulo 139 exemplares do livreto *Irmã Maria da Penha da Cruz, uma jovem entre as jovens*. Também mandei imprimir 5 mil folderes sobre Irmã Maria Penha e enviei parte para Irmã Daría Fernandez.

**07/11/2008** – Confeccionei um cartaz retratando Irmã Penha.

**08/11/2008** – Entrei em contato, por telefone, com Irmã Aparecida, no Rio de Janeiro. Pedi os contatos das Irmãs na Espanha.

**09/11/2008** – Mantive contato telefônico com Irmã Conceição Carvalho em Brasília.

**09/11/2008** – Festa no Seminário de Gravataí. Para divulgar o testemunho de Irmã Penha, distribuí folderes e livretos.

**10/11/2008** – Escrevi para as Irmãs e enviei alguns folderes. Solicitei que me escrevessem contando algo sobre Madre Penha. Aguardarei o retorno das Irmãs Maria da Luz Chaves (Palmas), Amada Moreno (Toledo), Carmem D'Ávila (Ciudad Real) e Aurora Campomar ( Valladolid)

**13/11/2008** – Fui a Osório. Busquei no guia telefônico pela Família Kraemer. Encontrei três pessoas. Visitei a casa de Dona Maria Rosa Kraemer ( Rua João Sarmento, 1591). Falei com sua filha, Mara Kraemer da Silva, pois Dona Rosa não estava. Não sabia se era familiar de Madre Penha, contudo, aceitou divulgar. Ela é procedente de Charqueadas e seu pai era filho adotivo e se chamava João Kraemer. Indicou-me a jornalista da RBS, Luciana Kraemer.

Estive na Catedral. Deixei livros e folderes. Perguntei pelo diácono Carlos Kraemer. Nada sabiam.

**22/11/2008** – Viajei a Brasília. Fui bem recebida pelas Irmãs Conceição e Indiara. Particpei da missa da Paróquia Santíssimo Sacramento e conversei com o pároco sobre Irmã Penha. Para divulgar sua obra, terei que pedir autorização ao Bispo.

À noite fui dormir preocupada, pois não senti entusiasmo pela Irmã Penha entre as pessoas de Brasília.

**24/11/2008** – Estive no cemitério. Tirei fotos do túmulo de Madre Penha com uma estampa, pois a foto original foi roubada. Fora do cemitério informei-me sobre como fazer uma placa com foto para o túmulo.

**25/11/2008** – Irmã Conceição Carvalho entregou-me os negativos da inauguração da casa de Brasília.

**26/11/2008** – Viajei a Belo Horizonte, onde fui recebida pela Comunidade e tive acesso ao livro de crônicas onde consta o texto sobre a morte de Irmã Penha. Fui acolhida pela Irmã Cristina.

Visitei ex-colegiais que conviveram com Irmã Penha: Rita Rodrigues dos Santos, que conviveu com ela cinco anos na década de 50; Margarida Maria, colegial e cozinheira da casa; Jacinta Francisca, que não a conheceu, mas ouviu dela falarem muito bem.

De modo geral, todas falaram que Irmã Penha era cheia do Espírito Santo, que era iluminada e só transmitia alegria; não gostava de ver ninguém triste. Quando via alguém assim, dava um tapinha na cabeça e mandava ir para capela pedir a graça de Deus. Irmã Penha se preocupava em ensinar trabalhos manuais e queria a formação das empregadas para irem além, conquistar outro status. Tinha gosto especial pelas meninas negras, que eram excluídas, menos favorecidas.

Relatam que Irmã Penha estava sempre animando as jovens com seu acordeom; era rápida e decidida. Acreditam que até hoje Irmã Penha, do céu, intercede por elas na Casa das Zitas (local fundado pelo Padre Paulo para acolher empregadas que não tinham para onde ir).

de  
Horizonte  
15109/1963

ram conforme o costume.  
Dia 15 Domingo, faleceu em Brasília, às 15 ho-  
ras em ponto, Madre Maria Penha  
de la Cruz Kramer Haesbaert, natu-  
ral do Rio Grande do Sul e que vi-  
veu nesta casa durante muitos anos,  
pois chegara aqui, pela segunda vez,  
em 1953, permanecendo até a  
fundação de Brasília, para onde  
se transferiu. Sua enfermidade e  
morte foram rápidas, causando sur-  
presa a todos. Desde os últimos dias  
do mês de agosto estava tomando umas  
injeções para a gripe, sem apresen-  
tar nenhuma gravidade, pois conti-  
nuava trabalhando e saindo como  
sempre. No dia 29 apresentou-se com  
um pouco de febre, agravando-se  
o mal até ao seu desenlace. Os  
médicos diagnosticaram tifo e me-  
ningite. Foi internada no Hospi-  
tal, onde faleceu. Ao Rev. Madre

Provincial foi para Brasília, chegando  
na véspera de sua morte, no sábado,  
às 9 e pouco da manhã. É impossí-  
vel descrever aqui, por falta de espaço  
e porque ocuparia quase o livro intei-  
ro, todas as impressões de pesar, de sa-  
rinho e de amizade manifestadas por to-  
dos, tanto em Brasília como em Belo  
Horizonte. O Rev. Madre Superiora de  
Brasília conta, com todos os detalhes,  
em sua carta datada de 22-9-63. Aqui  
em Belo Horizonte, sua morte foi mui-  
to chorada pelas colegas, especia-  
lmente pelas religiosas e pelas pessoas  
amigas.

Em Belo Horizonte, foi de que movimentou,  
no fim do mês, os trânsites para a construção da nova  
casa" (pag. 50)



**27/11/2008** – Fui com Irmã Idair falar com Luci da Conceição. Diz ela que veio para o internato em 1957, com nove anos de idade. Foi a primeira negra do colégio e Irmã Paz, que era prefeita, não quis tirar sua foto porque era negra. Irmã Maria Penha foi quem tirou a foto; ela a chamava de “mascote” e “pérola negra”. Fez um uniforme para ela sair à rua acompanhando em todos os lugares – prefeitura e até mesmo na casa de Tancredo Neves.

Na época, Dona Paulina e Diva, secretárias, abriam as portas da Prefeitura para Irmã Penha pedir donativos. Conta-se que Dona Paulina não acreditava em Deus, mas como Irmã Penha agradava muito e conversava sobre Deus, essa senhora teria se convertido. Visto que as Irmãs não tinham como pagar as obras que estavam sendo feitas na casa de Belo Horizonte, Irmã Penha foi ao governador pedir que os detentos trabalhassem na obra, o que o governador autorizou. Luci fala de Irmã Penha como uma irmã piedosa, caridosa, sem preconceitos, muito humana; se preocupava com as pessoas, usava palavras amigáveis, alegres. Sempre tinha balas nos bolsos e dava para as meninas.

Ela cuidava de um papagaio, que quando ela ia tocar o sino gritava: “Irmã Penha, meu café com pão”. Na sala da comunidade, as mãres possuíam cadeiras especiais, mas Irmã Penha sentava-se na mais feia. Nos domingos, gostava de tocar acordeom e cantava o “peixe vivo” e as meninas ficavam o tempo todo perto dela.

As jovens faziam uma brincadeira quando Madre Penha estava se aproximando de onde elas estavam. Diziam: “tem boi na linha”. Irmã Penha, em resposta, pedia respeito com a madre. Trabalhou na capela e oficina e tocava órgão nas missas.

À tarde estive na casa da mãe de Irmã Idair. Está acamada com AVC e se alimentando por SNE, mas Irmã Idair mostrou a foto de Irmã Penha e sua mãe a reconheceu. Contou que muitas vezes ela cuidou do irmão pequeno de Idair, quando precisava ir ao médico. Levava ele para a clausura, dava mamadeira, fazia mingau, trocava, etc.

Carmosina Pereira da Silva, irmã de Idair, mora com a mãe e ficou muito emocionada ao falar sobre Irmã Maria Penha. Ela conviveu com a irmã por mais ou menos três anos no colégio. Lembra que quando a Madre Provincial visitava a escola, ficavam com medo, pois alguma transferência haveria de acontecer. Temiam que fosse Irmã Penha a escolhida; até que certa ocasião foi o que aconteceu, e Madre Penha foi para Brasília.

Quando souberam da morte dela, houve muito choro e tristeza; foi quando Carmosina decidiu sair do colégio. Ela conta que Irmã Penha nasceu para ajudar os mais pobres e humildes; às negras ela dava maior atenção e as chamava de “minhas bonecas”. Com o acordeom gostava de cantar “pássaro preto” e procurava fazer de tudo para alegrar as jovens que se encontravam longe de seus familiares.

Ela observava as recomendações de Santa Vicenta Maria, pois sempre perguntava às domésticas se as patroas as tratavam bem, se tinham se alimentado direito, como era o quarto em que dormiam, etc.

Carmosina relata que recebeu uma graça de Irmã Maria da Penha. Quando teve um parto prematuro, fez uma novena. Os médicos achavam que o menino não iria sobreviver. Ficou no hospital quatro meses. Quando foi para casa, alimentava a criança com conta gostas de três em três horas. O leite havia secado e pediu para Irmã Penha que o leite voltasse para alimentar o filho. Passados três dias, teve leite e o amamentou até os três anos e três meses. O médico disse que foi um milagre, que ela chamou de “volta do leite”. Hoje seu filho está morando na Inglaterra.

**29/11/2008** – Viagem ao Rio de Janeiro e visita a Irmã Maria Aparecida Gonçalves, com 92, que fez um relato sobre sua convivência com Madre Penha.

**02/12/2008** – Visitei Teresópolis e entrevistei as Irmãs. Fotografei o acordeom, que pertenceu a Madre Penha. Na conversa com a Irmã Maria São José Chagas Gomes, disse-me ela que Irmã Penha dirigia o atelier de bordados o dia inteiro e nos intervalos, de cinco minutos, rezava jaculatórias com as meninas: “Senhor, em vós confio...”

Contou-me que a irmã sempre estava pronta para se levantar, à noite, quando tocavam a campainha. Às vezes fazia isso para que as outras irmãs não precisassem se levantar. Muitas vezes vinha do interior de Diamantina um ônibus cheio de meninas, e chegava depois da meia noite. Ela sempre que as recebia estendia colchões por todo o lugar para organizar no outro dia.

Quando costurava, sempre deixava na máquina de costura a linha enfiada para que outra irmã, que não enxergasse bem, pudesse costurar. O trato com as irmãs era amável e caridoso. Uma religiosa simples na qual todas deveriam se espelhar. Era muito humilde, acolhedora e prestativa. Tinha muito desejo de ir à Espanha; uma Madre Geral deu esperanças, mas não concretizou esse sonho porque morreu cedo.



**Acordeom que pertenceu a Irmã Penha**

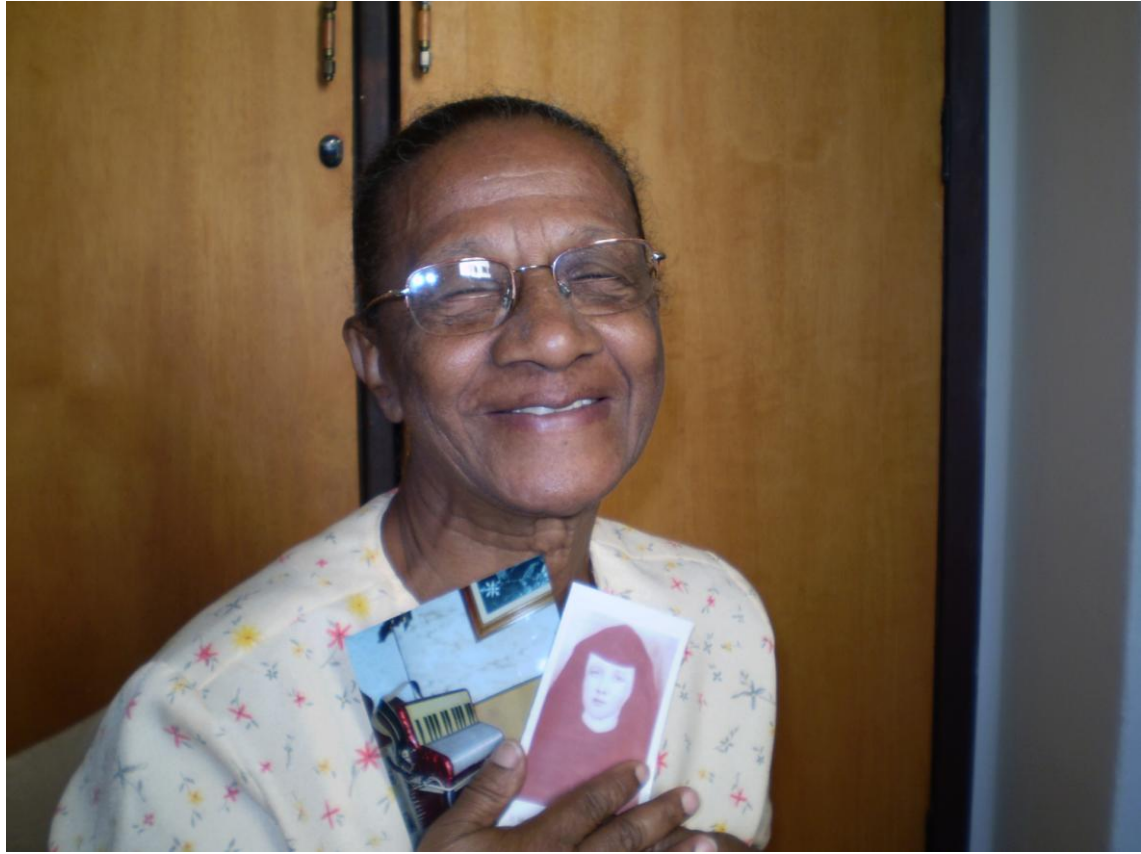
**03/12/2008** – Visita à Niterói. Conversei com Socorro Monteiro, que conviveu com Madre Penha em Belo Horizonte quando menina. Disse-me que a Irmã era uma pessoa compreensível, atendia muito bem, gostava de brincar, alegrar e tocar acordeom. Quando encontrava alguém chorando com saudade da família, ela primeiro escutava e por último falava.

Nos domingos, depois da missa, colocava o disco para as meninas dançarem. Um dia uma menina beliscou Socorro por ciúmes da Irmã Penha; ela ficou num canto emburrada e Irmã Penha a fez pedir desculpas. Contou que foi trabalhar numa casa de família, mas não tinha dinheiro para comprar sapatos e a patroa a fez levar as crianças para o clube descalça.

Quando retornou, disse a outra empregada que estava indo para o colégio e foi mesmo. Enquanto isso, a patroa ligou para a Irmã Penha reclamando que a empregada havia ido embora e deixado o quarto bagunçado. Irmã Penha esperou Socorro na porta e perguntou o que havia acontecido. Ela contou. Irmã Penha mandou que voltasse ao quarto para arrumá-lo e que voltasse para o colégio, junto dela, pois era sua casa. Socorrinho a considerava muito bonita, de belos olhos azuis.

**04/12/2008** – Retorno ao Rio de Janeiro.

**06/12/2008** – Retorno à Porto Alegre. Até esta data não consegui encontrar familiares de Madre Penha, embora os tenha procurado através dos guias telefônicos e igrejas nas cidades de Osório e Esteio.



**Socorro Monteiro**

**12/09/2009** - Viajei para Santos. Fui bem recebida pelas Irmãs, mas logo percebi que sobre o trabalho acerca da Irmã Penha não havia muito interesse. No dia 15 de setembro haveria o aniversário de 46 anos de morte da Irmã. Irmã Fátima, superiora, autorizou que divulgasse. Falei com o Padre Castilho, bastante receptivo; consegui relatar um pouco sobre Irmã Penha; li a carta do Bispo de Brasília, Dom João Braz de Aviz, em que autoriza informar sobre o testemunho. No final, o Padre deu a bênção aos santinhos para serem distribuídos.

Na véspera de minha viagem, dia 22 de setembro, entreguei todo o material que tinha para o Padre ajudar na divulgação e conversar com as jovens. Ele foi muito gentil e interessado, alguém que pode ajudar e acrescentar. Reafirmo que o trabalho não é meu e sim da Congregação; não quero aparecer, só quero que Irmãs como Penha sejam reforçadas em suas qualidades.

A comunidade de Santos tem algo de especial, cordialidade, ajuda mútua e respeito; você não precisa muito para oferecer e para que o mundo ao seu redor seja melhor.

O irmão de Madre Penha, diácono Carlos Kraemer Haesbaert levou 15 anos para escrever o livro *Irmã Maria da Penha da Cruz: uma jovem como as outras*. Sonha ver sua irmã ir aos altares. Infelizmente faleceu há uns três anos, segundo informações que obtive.

Alguns anos atrás, Irmã Maria Blanca M. Goñi, R.M.I, sua coirmã de congregação, escreveu um pequeno livro: *Irmã Maria Penha da Cruz, uma jovem entre as jovens*. Publicou folder com oração que mais tarde Irmã Maria Aparecida Andrade imprimiu mais de 7 mil exemplares. Infelizmente, parece que tudo parou no tempo.

Madre Maria Dolores , Superiora Geral da Congregação, na vinda ao Brasil em 2008, na casa de Brasília, pediu que desse continuidade a divulgação do conhecimento testemunhal de Irmã Maria Penha. São poucos os dados, poucas informações de seus familiares que perderam contato.

Irmã Daría Fernandez Ramos, Superiora Provincial, pediu-me esse trabalho; achei que não seria a pessoa mais indicada, mas sim uma religiosa.

Em 22 de novembro de 2008 parti para Brasília, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Teresópolis e Niterói. Entrevistei algumas pessoas que foram jovens na época e religiosas que relataram testemunho de sua vida. Mandei imprimir 5 mil estampas das antigas para distribuir nas comunidades. Foi pintado um quadro em grafite colorido. Deste quadro foram realizadas fotos as quais produzi 5 mil santinhos.

Através de Irmã Idair, de Belo Horizonte, seu primo músico, Zé Martins, fez um hino para Irmã Penha cujo título é *Por ti e por Maria tudo*. Entristecida, soube que Zé Martins veio a falecer neste mês de outubro de 2009.





**Irmã Maria Penha exercendo seu ministério em Brasília**

*Um dia ela encontrou o amor de Deus,  
e nunca mais o perdeu.*



*Irmã*

*Maria Penha da Cruz, R.M.I.*

*— Uma religiosa como as outras —*

## **Por ti e por Maria tudo<sup>29</sup>**

**Zé Martins**

És minha inspiração, Senhor  
És o meu caminhar  
Com tua mãe Maria vou  
Contigo sempre andar  
Se a dor no caminho vier  
Sei, isto é meu sofrer,  
Viver firme sempre toda a fé  
Amar com o teu querer

POR TI E POR MARIA TUDO  
QUERER O BEM DE TODOS VOU  
TUA VONTADE É MEU MUNDO  
PRA SEGUIR-TE AQUI ESTOU

Sonho de minha vida és  
Por ti deixarei meu lar  
Vou com amor e muita fé  
Nunca te abandonar  
Em gestos concretos vou zelar  
Por quem necessita mais  
A Eucaristia amar, amar  
E assim encontrar a paz

Trago no nome tua cruz  
Graça do teu amor  
É teu sinal, é tua luz  
Penha em ti eu sou  
Se tua mão comigo vai  
Não desanimarei  
Mesmo sofrendo tantos ais  
Sempre te amarei

## Oração<sup>30</sup>

Senhor, Deus pai todo-poderoso,  
tua serva Maria Penha da Cruz,  
fiel em modelar a sua alma,  
na transparência de Teu amor  
por nós, à luz que recebeu do  
teu Filho na Cruz, doou sua vida  
na Renúncia e no abandono à  
vontade de Deus que o amor às  
jovens lhe ia pedindo, amando-  
Te sempre muito, no serviço ao  
bem de todos e vivendo até o  
fim nesse amor sacrificado.

Suplico-Te, Senhor,  
concede-me, por tua serva Maria  
Penha da Cruz,  
a graça que desejo,  
se é para tua maior glória.

*(Pai Nosso, Ave Maria, glória)*

Irmã Maria da Penha Cruz,  
Intercede por nós.

## Síntese

Nasce em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, em 26 de novembro de 1915, Maria Kraemer Haesbaert, uma menina que aos três anos de idade perdeu o pai com apenas 39 anos, deixando sua mãe com sete filhos pequenos.

Maricota sempre teve cuidados constantes e foi protegida contra ameaças à saúde por problemas pulmonares. Muito alegre, evitava formular queixas. Em razão da saúde frágil, entrou tarde na escola e teve de estudar com os menores, sem nenhum tipo de complexo.

Aos 23 anos, fez pela primeira vez os exercícios espirituais inicianos. Neste retiro, decidiu o futuro de sua vida: ser religiosa na Congregação das Religiosas de Maria Imaculada. Tudo aconteceu em silêncio e de forma inesperada. *“A Nossa Senhora, em primeiro lugar, devo esta graça. Amo-a tanto!”*

Em 1938 partiu para o Rio de Janeiro a fim de ingressar no noviciado. Maria Penha da Cruz tornou-se seu novo nome. Tinha um bom caráter, sempre alegre, tudo era motivo para que irradiasse felicidade a sua volta.

*“Fiz-me religiosa porque amo Jesus, e estou disposta a tudo o que queira de mim, por Ele e por Maria, tudo!”*

*“Penso que a religiosa, à medida que vão passando os anos, forçadamente tem que se sentir mais feliz, pois aumenta as esperanças de encontrar a Jesus na glória eterna.*

*Que eu possa levar-te muitas almas, Jesus.*

*Que as crianças a quem eu ensino o catecismo guardem teus mandamentos por toda a vida.*

*Quero ser santa porque amo a Jesus Cristo.”*

Irmã Maria Penha compenetrava-se no espírito da Congregação. *“Minha santificação e a santificação das pessoas que nosso Senhor manda as nossas casas é a minha única preocupação. Tenho dobrada obrigação de*

*ser santa e santa muito grande para pagar-te tanto amor. Muito obrigada, Jesus! Muito obrigada, Mãe santíssima.”*

Amar e dar-se são as únicas ações. As pobres, humildes, as marginalizadas foram as favoritas do seu coração. Este era o segredo da atração irresistível que sentiam as colegas para com Maria Penha. A razão profunda de sua ação apostólica não era humana, mas encontrou-a na contemplação e relação com o Senhor Jesus. Ao momento de um forte encontro com o Pai, sucedeu-se a entrega aos irmãos.

Todas as pessoas testemunham que Irmã Penha era muito querida pelas jovens, animava a recreação com seu acordeom. A predileção, entre as meninas, era pelas negras, a quem chamava de “minhas bonecas”.

Sempre disponível e fraterna, conforme aprendeu da Palavra de Jesus e de sua mãe. Esse era seu jeito de ser como eles e fazer a vontade do Pai. A morte lhe encontrou no dia da festa de Nossa Senhora das Dores. Era 15 de setembro de 1963, às 15 horas de Brasília. Era o dia seguinte da festa da exaltação da Santa Cruz.

O exemplo de Irmã Maria Penha desperta a confiança no abandonar-se nas mãos de Deus com muita fé e amor, assim como a criança que se joga nos braços de uma boa mãe. Maria Penha viveu com vistas à eternidade, de alma limpa, pronta para o encontro definitivo com o Pai.

Irmã Maria Penha procurou sempre fazer o uso correto do tempo, com o coração vigilante. Esteve alerta a espera de Deus, por isso perseverou na fé. Comportou-se de modo a sempre buscar estar aberta e disposta à vontade de Deus. Alimentou-se constantemente na Eucaristia, na oração e na caridade para vencer o pecado. Foi um ser humano exemplar e uma religiosa de verdade.



**Pesquisa**

Maria de Lourdes Fortes Carneiro

**Solicitante**

Irmã Daría Fernandez, R.M.I

**Relatório de Pesquisa**

Alexander Bernardes Goulart



## **Contato**

Maria de Lourdes Fortes Carneiro

Rua Duque de Caxias, 1284/AP 510

CEP 90010-281

Porto Alegre

Rio Grande do Sul

[mlfcarneiro@yahoo.com.br](mailto:mlfcarneiro@yahoo.com.br)

---

<sup>1</sup> Irmã Daría Fernandez, R.M.I., é Superiora Provincial da Região Sul do Brasil.

<sup>2</sup> Maria de Lourdes Fortes Carneiro foi colegial em obra das Religiosas de Maria Imaculada em Porto Alegre na década de 60. Leiga engajada na Missão que tem Santa Vicenta Maria como fundadora, participa do Carisma atuado de modo a fazer crescer e frutificar o trabalho da Congregação através de exemplos como o de Maria Penha da Cruz.

<sup>3</sup> O texto biográfico sobre Irmã Maria Penha da Cruz reproduz parte da obra *Maria Penha da Cruz, uma religiosa como as outras*, escrita pelo Diácono Carlos Kraemer Haesbaert, irmão de Maria Penha. O livro foi publicado em 1979 e impresso na tipografia Santo Antônio.

<sup>4</sup> As informações sobre a origem e descendência dos Haesbaert fazem parte da pesquisa executada por membros da Família em Haya, Flandres, Dinamarca, Alemanha, Bélgica, Lajeado e São José do Louro (Distrito de Mata-RS), traduzido por Gastão Kraemer Haesbaert.

<sup>5</sup> GOÑI, Irmã Maria Blanca M. **Irmã Maria Penha da Cruz, uma jovem entre as jovens**. Religiosas de Maria Imaculada, São Paulo, s/d, p. 5.

<sup>6</sup> HAESBAERT, Carlos. **Irmã Maria Penha da Cruz, uma jovem como as outras**. Tipografia Santo Antônio, 1979, p 12.

<sup>7</sup> GOÑI, s/d, p. 6

<sup>8</sup> HAESBAERT, 1979, p. 17

<sup>9</sup> HAESBAERT, 1979, p. 20

<sup>10</sup> HAESBAERT, 1979, p. 26

<sup>11</sup> HAESBAERT, 1979, p. 30

<sup>12</sup> HAESBAERT, 1979, p. 31- 33

<sup>13</sup> HAESBAERT, 1979, p. 34

<sup>14</sup> GOÑI, s/d, p. 7

<sup>15</sup> HAESBAERT, 1979, p. 43

<sup>16</sup> HAESBAERT, 1979, p. 78-79

<sup>17</sup> HAESBAERT, 1979, p. 125

<sup>18</sup> HAESBAERT, 1979, p. 37

<sup>19</sup> HAESBAERT, 1979, p. 74

<sup>20</sup> HAESBAERT, 1979, p. 127

<sup>21</sup> HAESBAERT, 1979, p. 46

<sup>22</sup> HAESBAERT, 1979, p. 46

<sup>23</sup> HAESBAERT, 1979, p. 69

<sup>24</sup> HAESBAERT, 1979, p. 89

<sup>25</sup> HAESBAERT, 1979, p. 59

<sup>26</sup> Depoimento de Lourdes Coelho. Enviado por Irmã Idair Silva, por e-mail, a Maria de Lourdes Carneiro em 16 de abril de 2009.

<sup>27</sup> Depoimento escrito por Irmã Maria Aparecida Gonçalves, em 13 de janeiro de 2009, no Rio de Janeiro, e enviado a Maria de Lourdes Carneiro.

---

<sup>28</sup> Depoimento da Irmã Maria da Luz, escrito em 15 de janeiro de 2009 em Palmas, Tocantins, e enviado a Maria de Lourdes Carneiro.

<sup>29</sup> A pedido de Maria de Lourdes Carneiro, o compositor mineiro Zé Martins compôs a canção “Por ti e por Maria tudo” em homenagem à Irmã Maria Penha. Filósofo e teólogo, morava em Pouso Alegre, MG, e se destacava por suas composições especialmente voltadas para o público jovem. Era também professor de Ensino Religioso e Agente da Pastoral da Juventude, atuante nas CEBs (Comunidades Eclesiais de Base). Faleceu em outubro de 2009.

<sup>30</sup> GOÑI, s/d.

---

## **Anexos**

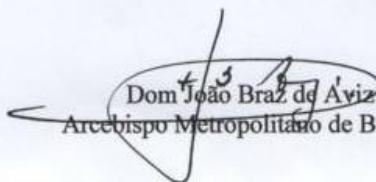


MITRA ARQUIDIOCESANA DE BRASÍLIA

**AUTORIZAÇÃO**

Eu, Dom João Braz de Aviz, Arcebispo Metropolitano de Brasília, informado sobre o testemunho de vida consagrada da Irmã Maria Penha da Cruz, falecida em 15 de setembro de 1963 nesta cidade de Brasília, autorizo divulgar o conhecimento testemunhal da referida Irmã, estímulo vocacional entre as jovens, conforme me foi solicitado pela Superiora Provincial da Congregação das Religiosas de Maria Imaculada a qual ele pertencia.

Brasília-DF, 25 de junho de 2009

  
Dom João Braz de Aviz  
Arcebispo Metropolitano de Brasília



**Autorização do Bispo de Brasília para divulgação do testemunho  
sobre Irmã Maria Penha da Cruz**

# Dom Jaime de Barros Câmara

Por Mercê de Deus

ARCEBISPO

De São-Sebastião



e da S. Sé Apostólica

METROPOLITANO

do Rio-de-Janeiro

Aos que esta Nossa Provisão virem, Saudação, Paz e Bênção em o Senhor.

**Fazemos** saber que, atendendo Nós ao que Nos representou a *Madre*  
*Maria da Penha da Cruz Thaesbaert, da Congrega-*  
*ção das Filhas de Maria Imaculada*

com *...* anos de idade, suplicando-Nos lhe concedêssemos licença para *professar*  
*o voto perpétuo*

desta cidade e Arcebispado de São Sebastião do Rio-de-Janeiro; e tendo Nós mandado proceder às diligências necessárias, na forma prescrita pelo Código de Direito Canônico; à vista do voto favorável do Capítulo da Comunidade, a julgamos habilitada para conseguir a graça que implora; pelo que

Havemos por bem ordenar, como pela presente Nossa Provisão ordenamos à Muito Revda. Madre *Superiora* da mencionada Comunidade admita a sobredita candidata à *profissão dos votos perpétuos*

de acôrdo com o Código de Direito Canônico, decretos da S. Congregação dos Religiosos e demais determinações da Regra e Constituições em vigor. Autorizamos o Revdo. Sacerdote da escolha da Muito Revda. Madre *Superiora* a presidir à cerimônia na forma do Ritual aprovado.

Dada e passada em a Nossa Câmara Eclesiástica da Cidade e Arcebispado de S. Sebastião do Rio-de-Janeiro, sob o Nosso Sinal e Sêlo da Nossa Chancelaria, aos *6* de *junho* de 1946  
E eu o *Padre Francisco Tapajó* secretário, a subscrevi.

*Dom Francisco de Jesus Barros*  
*pro Vigário Geral*  
*e Fe. e. do Arcebispado*

Provisão pela qual V. Excia. Revma. Há por bem mandar admitir a *profissão dos*  
*votos perpétuos* a *Madre Maria Penha da Cruz Thaes-*  
*baert*

**Solicitação para a profissão perpétua de Irmã Maria Penha da Cruz**

FUNDAÇÃO DAS PIONEIRAS S.C. Ltda.  
Isenta do imposto de consumo e qualquer  
Outras Fieis em forma de Art. 31. Item V  
Linha 27. de Constituintes Federais (Estado  
de 13/1/73 de R. R. D)

### A U T O R I Z A Ç Ã O

AUTORIZO, pelos poderes que me é conferido, a fazer a EXUMAÇÃO, dos restos mortais de Madre MARIA DA PENHA KRAEMER, da campa nº 48 Quadra 601, do Cemitério Campos da Esperança, para o mesmo Cemitério na quadra 407 na campa de duas gavetas nº 225.

Para maior clareza, firmo a presente em duas vias.

Brasília, 23 de março de 1973.

*Pilar Orbegozo Urruela*

Pilar Orbegozo Urruela

Reg. 705117 - Reg. Geral 4530.799

A SUPERIORA PROVINCIAL das religiosas de

Maria Imaculada

Avenida L-2 Sul - Quadra 606 Módulos 39/40

Instituto de Vicenta Maria

FUNDAÇÃO DAS PIONEIRAS S.C. Ltda.

Serviço Funerário e Transportes

*José Aguirado Marques*  
CHEFE

**Autorização para exumação do corpo de Irmã Maria Penha da Cruz**



*Sr. Maria Penha da Cruz Kraemer Haesbaert*

Religiosa de Maria Imaculada

\* Porto Alegre, 26/11/1916

† Brasília, 15/09/1963

#### ORAÇÃO

Senhor, Deus Pai todo-poderoso, Sua serva MARIA PENHA DA CRUZ, fiel em modelar a Sua alma na transparência de Seu amor por nós, à luz que recebeu de Seu Filho na Cruz. Doou sua vida na renúncia e no abandono à Vontade de Deus, por amor às jovens, no serviço pelo bem de todos e vivendo até o fim nesse amor sacrificado.

Suplico-Te, Senhor, concede-me por sua serva Maria Penha, a graça que desejo...

Pai Nosso, Ave Maria e Glória

---

comunicar graças alcançadas à:

Religiosas de Maria Imaculada  
Av. Nazaré, 711 - Ipiranga  
04263-000 - São Paulo - SP - Brasil  
E-mail: rmipb@uol.com.br"

(Com licença Eclesiástica)

"Meu único desejo: amart-te;  
Meu único ideal: dar-te almas;  
Que cada uma das minhas ações, por pequena que seja,  
'ajude a salvar' uma alma".

"Maria Santíssima, se houvessem tirado fotografias de cada instante de minha vida, em todas apareceria a Tua imagem, pois seria impossível separar-te dos grandes e pequenos acontecimentos da mesma".

(Maria Penha da Cruz)  
RMI

Folder



---

“Meu único desejo: amart-te;  
Meu único ideal: dar-te almas;  
Que cada uma das minhas ações, por pequena  
que seja, ‘ajude a salvar’ uma alma”.

“Maria Santíssima, se houvessem tirado  
fotografias de cada instante de minha vida, em  
todas apareceria a Tua imagem, pois seria  
impossível separar-te dos grandes e pequenos  
acontecimentos da mesma”.

(Maria Penha da Cruz)  
RMI



Ir. Maria Penha da Cruz Kraemer Haesbaert  
Religiosa de Maria Imaculada

Irmã Maria Penha da Cruz, nasceu em  
Porto Alegre RS Brasil, em 26 de novembro  
de 1915. Seu pai era luterano e mãe católica.

Ingressou na Congregação das  
Religiosas de Maria Imaculada em 08 de  
dezembro de 1938.

Foi uma das fundadoras da Casa de  
Brasília, onde veio a falecer em 15 de  
setembro de 1963.

Seu caráter era extremamente jovial e  
alegre; era muito comunicativa. Fez parte  
do Movimento da Ação Católica Feminina.  
E nos Exercícios Espirituais de 1937,  
sentiu-se chamada à Vida Religiosa, e  
Religiosa de Maria Imaculada.

Amante de Jesus no ministério da Cruz  
e da Eucaristia...

Maria é uma presença constante na sua  
vida...

As JOVENS, e de forma especial o  
desejo de sua salvação, fez-se como uma  
obsessão em sua vida...

Por isso sintonizou-se com o Carisma  
de Sta Vicenta Maria, sua Fundadora, com  
quem se identificou amando  
estranhavelmente as jovens necessitadas, às  
quais se entregou para sempre na  
Congregação.

### ORAÇÃO

Senhor, Deus Pai todo-poderoso, Sua serva  
MARIA PENHA DA CRUZ, fiel em  
modelar a Sua alma na transparência de Seu  
amor por nós, à luz que recebeu de Seu Filho  
na Cruz. Doou sua vida na renúncia e no  
abandono à Vontade de Deus, por amor às  
jovens, no serviço pelo bem de todos e  
vivendo até o fim nesse amor sacrificado.  
Suplico-Te, Senhor, concede-me por sua  
serva Maria Penha, a graça que desejo...

Pai Nosso, Ave Maria e Glória

---

comunicar graças alcançadas à:

Religiosas de Maria Imaculada  
Av. Nazaré, 711 - Ipiranga  
04263-000 - São Paulo SP Brasil

(Com licença Eclesiástica)



Comunidade de Santos - SP



Ir. Maria da Penha

UMA JOVEM ENTRE OS JOVENS

Um dia ela encontrou o amor de Deus e nunca mais o perdeu.



Irmã Maria Penha da Cruz, R.M.I. — Uma religiosa como as outras —







Mural celebrativo dos 46 anos de falecimento de Irmã Maria Penha